



16 AVOS  X 

Como o esporte mais popular do Japão pode ajudar o Brasil: em visita a um dos mais tradicionais estábulos em Tóquio, o técnico Carlo Ancelotti achou caminhos que podem ser decisivos por vaga

O hexa passa pelo sumô



MARCOS PAULO LIMA
ENVIADO ESPECIAL

Nova Jersey — Dezesseis de outubro de 2025. Depois de perder de virada para o Japão, por 3 x 2, na inédita derrota verde-amarela para o adversário, Carlo Ancelotti faz uma visita ao Tamanoi Stable, em Tóquio, um dos templos do sumô no país oriental. Jamais considere a ida de um líder como o italiano a um destino como esse, no dia de folga, um rolê aleatório. Carlo Ancelotti disse pouco sobre o tour, mas manifestou admiração pelo esporte nacional do Japão. “Como entusiasta da modalidade, eu me senti honrado por ser convidado por este estábulo de sumô, o coração das antigas tradições culturais do Japão”, escreveu. Faltavam 237 dias para o início da Copa. Provavelmente, ele não imaginaria um duelo com o Japão na fase de 16 avos, amanhã, às 14h, na NRG Arena, em Houston, no Texas. À época, a Fifa sequer havia sorteado os grupos da Copa do Mundo de 2026. A visita, porém, oferece pistas valiosas sobre a maneira como o treinador italiano enxerga o esporte, a liderança e a formação de equipes vencedoras. Ancelotti sempre demonstrou curiosidade intelectual.

Na carreira, buscou referências fora do futebol, aproximou-se de técnicos de outras modalidades e estudou diferentes métodos de gestão. A incursão ao universo do sumô se encaixa nessa característica. Mais do que conhecer uma tradição centenária do Japão, o treinador mergulhou em valores. Eles ajudam a explicar a própria filosofia de trabalho. Na véspera do confronto entre Brasil e Japão, alguns desses conceitos parecem especialmente atuais. O primeiro deles é o equilíbrio. No imaginário popular, o sumô é associado à força física. Na prática, trata-se de uma modalidade na qual o controle corporal, o posicionamento e a estabilidade são tão importantes quanto a potência. Muitas lutas são decididas quando um dos competidores perde a base e é empurrado para fora do círculo. O Japão tenta provocar exatamente esse tipo de desconforto nos adversários. Com movimentação intensa, pressão coordenada e velocidade na circulação da bola, a equipe nipônica busca tirar o rival da zona de conforto. O desafio do Brasil será manter a própria estrutura mesmo diante da intensidade japonesa. Ancelotti conhece bem o risco. Desde que assumiu a Seleção, uma das prioridades tem sido construir um time emocionalmente estável,

capaz de reagir aos momentos adversos sem perder a organização. Outra lição do sumô está na disciplina. A rotina dos lutadores é marcada por repetição, respeito à hierarquia e valorização do coletivo. O brilho individual existe, mas não supera a importância da execução do plano comum. Não por acaso, a seleção japonesa se tornou uma das equipes mais organizadas do futebol mundial. Talvez, não tenha a quantidade de talentos individuais encontrada no elenco canarinho, mas compensa essa diferença com sincronização, comprometimento tático e elevado senso coletivo. Ancelotti admira essas características. O treinador passou boa parte da preparação para a Copa tentando justamente encontrar o equilíbrio entre a criatividade natural do futebol brasileiro e a necessidade de uma estrutura coletiva sólida. Há uma terceira conexão. No sumô, a luta pode durar poucos segundos. A preparação, entretanto, é longa. Antes do choque, existe observação, estudo, concentração e respeito ao momento certo de agir. A ideia dialoga diretamente com o perfil de Ancelotti. Em uma profissão frequentemente marcada pela ansiedade e a hipervigilância à beira do campo, o italiano construiu a reputação de gestor

sereno. Raramente transmite nervosismo. Prefere observar, interpretar o jogo e intervir nos momentos adequados. Amanhã, contra o Japão, essa paciência pode ser decisiva. O adversário tentará acelerar a partida. O Brasil precisará resistir à tentação de transformar o duelo em uma troca permanente de golpes. Em determinados momentos, controlar o ritmo pode ser tão importante quanto atacar. A visita de Ancelotti ao sumô não oferece uma fórmula para derrotar o Japão. Tampouco foi uma aula específica sobre o adversário. Mas ajuda a compreender a mente de um treinador. O técnico da Seleção crê no aprendizado nos lugares mais improváveis. Por coincidência, algumas das lições observadas por ele em um estábulo japonês — equilíbrio, disciplina, autocontrole e paciência — podem ser exatamente as virtudes necessárias para o Brasil sustentar o projeto do hexa no duelo de amanhã contra o Japão. **Aprender fora da bolha** A visita ao estábulo de sumô não foi um episódio isolado na trajetória de Carlo Ancelotti. O técnico italiano integra uma linhagem de líderes esportivos interessados

no conhecimento muito além das fronteiras da própria modalidade. Um dos exemplos mais conhecidos é o de Pep Guardiola. O treinador espanhol recorreu diversas vezes ao universo do xadrez para aperfeiçoar conceitos de ocupação de espaços, tomada de decisão e antecipação de movimentos. Em uma dessas experiências, convidou o enxadrista russo Garry Kasparov para compartilhar reflexões sobre estratégia e liderança. No basquete, o lendário técnico Phil Jackson tornou-se conhecido por incorporar elementos da filosofia oriental, da meditação e da espiritualidade à gestão de elencos estrelados. Já Doc Rivers buscou referências em áreas como psicologia e administração para fortalecer a cultura de suas equipes. No futebol português, Abel Ferreira transformou a leitura de livros sobre liderança, gestão e comportamento humano em uma marca registrada de seu trabalho. Ancelotti segue caminho semelhante. Ao visitar um estábulo de sumô, não procurava uma solução tática para um adversário específico. Buscava ampliar repertório. Entender como outra cultura desenvolve valores como disciplina, autocontrole, respeito à hierarquia e busca pela excelência.



Confiança nipônica

O atacante Kento Shiogai, da seleção japonesa, demonstrou confiança antes enfrentar o Brasil na segunda fase da Copa do Mundo. Em entrevista à agência de notícias japonesa Kyodo News, o jovem de 21 anos afirmou que o Brasil não é mais o mesmo de antigamente. “Acho que é um adversário que podemos vencer. Acredito que temos que entrar para dominar o jogo”, afirmou Shiogai, que joga no Wolfsburg, da Alemanha.